

Aqui Jasmim: o ciclo da vida nos versos de Caroline Milman

Aqui Jasmim: the cycle of life in Caroline Milman's poetry

RAFAEL BÁN JACOBSEN

Escritor¹ e físico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras.

EM DEZEMBRO DE 2013, FORAM ANUNCIADOS OS VENCEDORES DA MAIS RECENTE edição do Prêmio Açorianos de Literatura, um dos mais importantes do sul do Brasil. A premiação costuma coroar a trajetória de nomes já consagrados nas letras gaúchas, mas, não raro, destaca obras de estreantes, chamando a atenção do público leitor para as futuras realizações daqueles que, já no primeiro livro, evidenciam maturidade e robustez na arte da escrita. Esse é, precisamente, o caso do volume de poemas *Aqui Jasmim*, primeiro livro da psicanalista Caroline Milman, publicado pela jovem editora Modelo de Nuvem.

No entanto, talvez seja enganoso qualificar Caroline Milman como estreante, pois, ainda que *Aqui Jasmim* seja seu primeiro livro publicado, a poetisa vem já há muito tempo se entregando à arte dos versos e conquistando prêmios Brasil afora, a ponto de anunciar, no preâmbulo da obra, que o livro “teve uma longa gestação. Tão longa quanto a vida” (MILMAN, 2013, p. 14). Com efeito, a poesia raramente surge repentina, na idade adulta, pois, antes de ser um gênero literário, é uma forma de se relacionar com as coisas do mundo e, como tal, costuma irromper tão logo a criança se percebe elo na imensa cadeia de gentes que povoam o mesmo espaço e que se ligam através dos tempos, geração após geração.

Aqui Jasmim se inicia nesse exato ponto e com essa iniludível consciência: na infância do eu poético, acolhida (e assombrada) pelos adultos que a cercam e lhe servem de referência. Nesse cenário de constante estranhamento que é próprio da infância (e que é matéria-prima da poesia), articulam-se os versos de abertura, no poema *A pequena*:

Cresci de teimosia.
Ouvi que não cresceria.
“Cresça e apareça” –
quando me metia a dar opiniões
Na casa dos grandes. (...)

A pequena cresceria.
Ah! Cresceria. E usaria
seu primeiro colar roubado
da gaveta da mãe.
Preto, cheio de contas.
As contas que acertaria bem depois.
(MILMAN, 2013, p.15)

E é nesse espaço de ambiguidades lexicais e discursivas que a poesia de Caroline Milman consegue iluminar as surpresas e pequenas crueldades que se escondem no rio-corrente da vida, de aparência sempre tão igual, mas vulnerável ao assombro. A exploração do duplo significado da palavra “contas” no poema *A pequena* encontra ecos em todo o livro, a exemplo do poema imediatamente seguinte – *A lima*:

Fruta misturada de meu pai.
O gosto era de passado,
o suco lhe tingia o rosto
e amortecia a gargalhada. (...)

A lima não ardeu a boca.
Como a surra.
Seguiu redonda,
desafiando a faca.
(MILMAN, 2013, p.16)

Aqui, as palavras “passado” (aquilo que já foi e é apenas lembrança ou aquilo que está estragado) e “desafiando” (no sentido de tirar o fio, amenizando o corte, ou de estabelecer um enfrentamento) seguem a mesma lógica de contrapor dois significados, um mais ameno ao espírito, positivo, quase confortador, e outro perverso, que vem simbolizar a desestabilização que subjaz até mesmo na mais aparente ordem – no caso, a ordem da vida de uma criança no seio de sua família. De fato, a repetição dos atos cotidianos, a dança perpétua do dia a dia, tendem a tornar as situações de rotina inócuas, insípidas, matéria neutra – e esse olhar inerte, por ser sedimentado com o passar dos anos, é, por excelência, o olhar adulto. Ao se apropriar, com elegância e sutileza, de recursos linguísticos como aqueles exemplificados acima, Caroline Milman rompe com tal monotonia, trazendo, em ele-

vada potência, o olhar de encantamento das crianças; ou seja, é através da palavra poética que as miudezas capazes de ressignificar o banal são fomentadas, o que pode trazer à tona tanto o belo quanto o terrível. Seja como for, através da palavra, surge ali um novo e inesperado espaço de reflexão. Como escreveu Eucanaã Ferraz:

O uso contínuo, repetitivo e mecânico da língua torna-a enfadonha, rotineira. O poema, ao contrário faz-se por deslocamentos da língua e acarreta no seu ponto ideal uma ruptura da monotonia em vários campos da realidade a: arte, política, subjetividade, comportamento, gosto, moral. Na escrita poética, suspende-se o valor lógico-utilitário das coisas cotidianas e com elas transportamo-nos em movimentos de fruição e reflexo novos, inesperados, anteriores mesmo à compreensão, pois antes de “entendermos” os versos, “sentimos” que com eles uma parte de nós – antes sedimentada – lançou-se para uma zona de prazer e surpresa. (FERRAZ, 2005, p.5)

Contudo, uma vez instalado na infância, o olhar simbólico não abandona o eu poético que nos fala em *Aqui Jasmim*, acompanhando-o (e conde-nando-o) por todo o ciclo da vida a recordar e recriar a realidade. A poesia avança pela maturidade, reconhecendo a força transgeracional nestas estrofes de *Escravidão*:

Vivi com minha mãe sempre triste.
Minha vó cultivava cravos.
Minha mãe viva triste.
Minha vó regava os cravos.
Mas não regava as feridas da minha mãe. (...)

Vivi só com cravos
que minha vó cultivava.

As feridas da minha mãe viviam tristes
quando não eram regadas.
(MILMAN, 2013, p.16)

Interessante é perceber a marcante presença da imagética cristã em diversos poemas de *Aqui Jasmim*, como é o caso da aproximação entre os conceitos de “feridas” e “cravos” no poema anterior, no qual esta segunda palavra, além de denotar, trivialmente, um tipo de flor, pode também ser lida como uma alusão ao instrumento de suplício com o qual, na Antiguidade, os condenados eram pregados à cruz. Por esse viés interpretativo, pode-se depreender que as dores cultivadas e regadas pela avó, perpassando a geração da mãe, chegam até a filha, que as herda e acaba por viver com essas mesmas dores, constituindo-se, assim, uma bela ilustração do conceito psicológico da *transgeracionalidade do trauma*, que é “a patologia da transmissão psíquica entre gerações, pois acontece através dos sujeitos e das gerações, não respeitando subjetividades e espaços psíquicos, impondo ao receptor o seu material psíquico em estado bruto, encriptado” (BAÜMER; TRACHTENBERG; KAHL, 2005, p. 383).

A imagem da cruz surge de maneira mais clara no poema Sesta, no qual são descritas as impressões de uma criança obrigada por seus pais a um breve período de sono após o almoço: “Eu pregada na cruz da tarde quente / fingindo que dormia.” (MILMAN, 2013, p.27) Ainda no que tange ao influxo cristão nos poemas de *Aqui Jasmim*, temos uma alusão ao domingo como sendo o dia de descanso (em *Sétimo dia*) e, ainda, a descrição de uma personagem que é vívido exemplar do *unheimlich*² (em *Tia Terezinha*):

Chegava às duas horas de táxi.
A sacolinha do tricô,
a niqueleira apertada.

Tinha manias que cresciam pela calçada.
Como o bolo que assava descrente.
Uma sobrinha neta era mutante.
Uma prima nascera com duas cabeças.

Anêmica no descanso,
Muito branca e muito preta,
saía atrás do pote de vitaminas.
evocava Jesus e todos os santos.
(MILMAN, 2013, p.28)

Todas essas alusões a elementos da cultura cristã podem soar ainda mais curiosas para o leitor que, conhecendo a ascendência judaica da autora, espere a influência do judaísmo na sua produção literária, o que, aliás, é bastante comum entre escritores oriundos dessa comunidade. Os versos contidos em *Aqui Jasmim*, portanto, podem ser considerados como testemunho das vivências de uma geração de judeus que, já afastada do hermetismo das relações sociais preponderante entre os primeiros imigrantes e convivendo com casamentos mistos, estão amplamente assimilados com a sociedade em geral, a ponto de incorporar muitos dos seus costumes majoritários e do seu ideário.

Interpretações sociológicas à parte, o que se sobressai na obra de Caroline Milman é, de fato, a visão de mundo diferenciada, profundamente metafórica, que encontra lastro na palavra e se entretete por todo o ciclo da vida. A criança que, “espremendo um sorriso de violino” (MILMAN, 2013, p. 17), espanta-se ao ver caírem os dentes de leite, a criança que, em hora de trovoada, se encosta no suspiro do irmão (MILMAN, 2013, p. 25), a criança que atacava uvas “como se dentro delas procurasse uma gargalhada perdida” (MILMAN, 2013, p. 35), essa mesma criança vai se tornar moça, noiva e mãe. Sob o prisma da estética, a luz dos eventos corriqueiros (como uma viagem de carro em

família) ganha a possibilidade de se abrir em cores, atingindo sublimidade, como em *Desgoverno*:

O olhar esculpe tudo
o que poderia não ser belo.
Desgoverno o carro.
Os filhos e a bagagem no banco de trás.

A curva descendente.
O casaco me cai por entre o rosto.
Não vejo a frente.
O volante ficou em minhas mãos.

Reduzo com os dentes.
(MILMAN, 2013, p. 45)

Afirmado que compete ao olhar dar nova forma a tudo aquilo que, por natureza própria, não teria beleza, o eu poético alinha-se com a clássica concepção de Aristóteles, isto é, com a noção de que a poesia compreende aspectos metafísicos (no sentido de sua imaterialidade) e da possibilidade de esses elementos transcenderem ao mundo fático (ARISTÓTELES, 1973, p. 451).

E a poesia de Caroline Milman chega à maturidade, cantando, no poema *Impulso*, as contradições do amor adulto – “Deste amor com que odeio / só sabem os loucos. / Ou os que sobreviveram” (MILMAN, 2013, p. 47); refletindo, em *Liberdade condicional*, sobre a acomodação, ainda que inquieta, dos anos muitos – “Prefiro o pó acumulado / na minha casca / a ter que me reinventar” (MILMAN, 2013, p. 49); aceitando, liricamente, a incomunicabilidade e a finitude em *Pedra e pó* – “Não sei mais do pó. / Não há mais como / desenterrar meus vivos” (MILMAN, 2013, p. 54). Os versos que encerram *Aqui Jasmim*, esse pequeno mas poderoso livro, estão encharcados dessa noção clara e dramática de que a nulificação é o destino irredimível da jornada

humana: “Quero ser muito pouco. / Quase nada. / Que nem eu me perceba.” (MILMAN, 2013, p. 61). À parte isso, parafraseando Fernando Pessoa, *Aqui Jasmim* tem em si todos os sonhos do mundo.

NOTAS

1 Ver, entre seus trabalhos, *Tempos & Costumes* (Editora Alcance, 1998) e *Solenar* (Editora Movimento, 2005), ambos agraciados com o Prêmio Açorianos de Literatura (destaque em narrativa longa e melhor narrativa longa, respectivamente); e *Uma Leve Simetria* (Não Editora, 2009), finalista do Prêmio Açorianos de Literatura e do Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores. Sobre *Uma Leve Simetria*, Fabio Prikladnicki elaborou uma resenha, publicada em *WebMosaica*, v. 2 n. 1, 2010, p. 139-140.

2 Literalmente, “o oposto do que é familiar”. Trata-se de um conceito freudiano usado para descrever a situação em que algo pode ser familiar, mas estranho ao mesmo tempo, resultando em uma sensação de ser desconfortavelmente familiar. (FREUD, 1919, p. 238-239)

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- BAÜMER, A.; TRAHTEBERG, A. R. C.; KAHL, M. L. F. “Transgeracionalidade: a patologia da transmissão psíquica entre gerações”. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 7, n. 2, p. 369-394, 2005.
- FERRAZ, Eucanaã (org.). *Veneno antimonotonia: os melhores poemas e canções contra o tédio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- FREUD, Sigmund. *Das Unheimliche (1919)*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, s.d., p. 233-273. v. 17.
- MILMAN, Caroline. *Aqui Jasmim*. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2013.

Recebido em 20/12/2013

Aceito em 07/01/2014